



Comunicação e Sociedade, 1, [Cadernos do Noroeste, Série Comunicação, vol. 12 (1-2)], Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga, 1999, 5-18.

Excerto do texto de enquadramento do programa da disciplina de Teorias da Comunicação do Curso de licenciatura de Comunicação Social da Universidade do Minho (1996).

Universidade do Minho

Centro de Estudos de
Comunicação e Sociedade

Ciências da Comunicação, Área Interdisciplinar

ANÍBAL ALVES

*Departamento de Ciências da Comunicação, Instituto de Ciências Sociais,
Universidade do Minho*
anibal@ics.uminho.pt

Resumo:

Este artigo procura, em primeiro lugar, realçar a actualidade e relevância das questões de comunicação. Em segundo lugar, tenta evocar alguns factores fundamentais na constituição da área científica da comunicação, tais como, os mass media, a teoria da comunicação, o estudo da comunicação no quadro das ciências sociais e no quadro das ciências humanas e das da linguagem. Finalmente, à luz do panorama delineado, propõe-se a concepção interdisciplinar das Ciências da Comunicação.

First and foremost, this article aims at underlining both the actuality and the relevance of the communication issues. Secondly, it aims at making a point by evoking the main factors in building the scientific area of Communication Sciences along the twentieth century, namely, the mass media, the communication theory, communication issues in the field of Social Sciences, as well as in Humanities and Language Sciences. Finally, in the sight of such landscape, an interdisciplinary conception of Communication Sciences is proposed.

Palavras-chave:

Comunicação Humana, Teoria da Comunicação, Meios de Comunicação Social, Novas Tecnologias da Informação, Sociologia e Psicologia da Comunicação, Pragmática da Comunicação.

Human Communication Sciences, Mass Media, Information New Technologies, Communication Theory, Sociology of Communication, Pragmatics and Communication.

1. Novidade e relevância da temática

No final dos anos 80 e início dos anos 90 surgiu em Portugal um inesperado número de cursos superiores no âmbito da “Comunicação Social” ou “Ciências da Comunicação”. No relatório que apresentámos à Conferência de Siena (1995), “L’Avenir des Sciences de la Communication en Europe”¹, referíamos um conjunto identificado de dez licenciaturas e catorze bacharelatos, contagem que se revelaria aquém dos efectivos. O “milagre da multiplicação dos cursos de comunicação” suscitou viva reacção. Deve notar-se que a reflexão de Mário Mesquita, autor da feliz expressão citada, e pese embora a sua bem significativa ironia, destacou-se do tom geral de espanto e menosprezo, com uma análise caracterizada pelo rigor informativo e pela interpretação

¹ A. Alves, “Les Sciences de la Communication au Portugal”, *L’Avenir des Sciences de la Communication en Europe*, SIGMA, European University Networks, Sienna, 1995, pp. 180-205.

contextualizada². Permanece o facto de que a explosão dos Cursos de Comunicação foi recebida com atitudes de reserva, de rejeição, ou quando muito, de desconfiada curiosidade admirativa.

Tal admiração não será muito diferente da que pessoalmente experimentámos em interlocutores a quem respondíamos à pergunta de qual a disciplina que ensinávamos na Universidade: “Professor de Comunicação”, “licenciatura em Comunicação Social”? Mas existe um curso universitário sobre isso? Existem mais de trinta cursos superiores sobre comunicação? É certo que o espanto não é necessariamente movimento de rejeição. Pelo contrário, pode até estimular a interrogação, a busca de sentido e a sua descoberta. É nessa perspectiva que aqui o tomámos.

A relevância da comunicação nos processos vitais das actuais sociedades é facilmente reconhecível e justifica a sua redundante manifestação e a admiração que esta suscita. Assim presente e prevalente na vida social, não podia a comunicação deixar de motivar a consideração e interesse dos agentes sociais, e designadamente das instituições de ensino especializado. Aqui se encontra o outro ponto de interrogação e quiçá de suspeita: a comunicação humana é certamente dimensão importante da vida social; mas poderá constituir objecto de saber e de tratamento científico? A dúvida espontânea revela uma atitude frequente e bem conhecida em relação às ciências sociais e humanas. Costuma mesmo identificar-se esta atitude como obstáculo ao conhecimento científico. E assim é na medida em que o conhecimento do senso comum não reconhece sequer a pertinência da abordagem científica de um objecto, ou porque a “transparência” deste lhe parece dada na sua própria manifestação natural, ou porque atribui carácter completo e definitivo à expressão construída, dispensando assim o exame crítico que é apanágio da metodologia científica. O humilde e progressivo caminho histórico do conhecimento humano ilustra bem o carácter ilusório dos saberes que se auto-atribuíram carácter definitivo. Entre estes se encontrara todavia, não apenas os inspirados pelo conhecimento comum mas também não poucos que, reclamando-se da ciência, se arrogaram a ilusória evidência e segurança daqueles.

No entanto, a resistência do leigo perante o estatuto científico e académico de questões como a comunicação é susceptível de interpretação menos simplista. Em vez de significar auto-suficiência que dispensaria tratamento científico julgado inadequado, aquela dúvida exprimiria perplexidade perante a tentativa de abordar a comunicação humana com metodologia científica e enquadramento académico. A esta luz, a dúvida sobre o estudo científico da comunicação deixa de ser obstáculo para se tornar estímulo crítico, a sublinhar a permanente tensão entre o projecto compreensivo de uma disciplina científica como Teorias da Comunicação e o seu objecto fenomenal complexo, manifestação histórica do ser e devir dos homens.

É, por outro lado, natural que o estudo instituído da comunicação ainda surpreenda em razão da sua novidade e carácter recente. Não que a comunicação não tenha merecido interesse e estudo as sociedades e civilizações que nos precederam! É notório que elementos e dimensões fundamentais

² M. Mesquita, “A Educação para o Jornalismo”, Comunicação ao II Congresso dos Jornalistas de Língua Portuguesa, Rio de Janeiro, Dezembro de 1994.

do processo comunicativo motivaram de pensadores antigos e modernos tratados de tal rigor e fecundidade que, ainda hoje, eles guiam a nossa indagação. Lembremos designadamente os problemas da linguagem e do conhecimento abordados no estudo da língua, da filosofia, do direito, da teologia, da moral e da política. Como referia Umberto Eco em comentário a um artigo de R. Jakobson sobre a semiótica e, portanto, sobre a comunicação, o estudo desta apresenta uma impressionante genealogia: “a science dealing with signes and with processes of communication has an impressive pedigree”³. É no entanto manifesto que a comunicação, como área de estudo e campo de acção específicos, é do nosso século. Alguém notou, com sentido, que a “comunicação” suscitou no século XX o entusiasmo que a “energia” despertou no século XIX.

De modo especial, pode associar-se a emergência da comunicação ao clima de reconstrução que animou o período imediato à II Grande Guerra Mundial. Como se, simbolicamente, as sociedades, traumatizadas pela hecatombe da destruição e pelo horror dos holocaustos, almejassem na comunicação um antídoto reparador e capaz de inspirar novo alento civilizacional. É então que surgem as obras de C. Shannon e de N. Wiener,⁴ referências de primeira ordem para o estudo da comunicação. Por outro lado, é também nesta altura que é publicado o célebre artigo de Lasswell⁵ “The Structure and Function of Communication in Society”, e se tornam conhecidas as pesquisas de P. Lazarsfeld⁶ sobre os processos de comunicação e de influência a propósito das campanhas para a eleição presidencial (a de 1940 e a de 1948).

K. Lewin, em 1945, introduzia a sua orientação da pesquisa-acção no Massachusetts Institute of Technology e lançava, em seguida, o projecto dos Laboratórios de “Training Group”, extraordinário alfofre de cientistas que animariam a investigação psicológica no campo das comunicações e relações humanas nas duas décadas seguintes.

O interesse suscitado pela comunicação está intimamente relacionado com as várias características do processo social histórico, entre as quais a própria intensidade e visibilidade das novas formas de comunicação. Estas, porém, serão sempre e apenas, na expressão de Marshall McLuhan, “extensões do homem”⁷, para o qual a comunicação é condição da própria sobrevivência. Sem ela, o indivíduo não vive, os organismos não funcionam, as sociedades não subsistem e as civilizações morrem. O processo comunicativo é para a pessoa o que o metabolismo é para o organismo: deles depende a própria subsistência. Não podemos deixar de comunicar. A vida individual e social, particular e pública, dos grupos e das organizações, pode resumir-se assim: dar e receber comunicação.

³ U. ECO, “Preface” in CHATMAN, S., ECO, U., KLINKENBERG, J-M. (Eds.), *A Semiotic Landscape*, The Hague, Mouton, 1979, p. VI.

⁴ CL. SHANNON and W. WEAVER, *The Mathematical Theory of Communication*, Urbana, University of Illinois Press, 1949; N. WIENER, *Cybernetics or Control and Communication in the Animal and the Machine*, Paris, Librairie Herman, 1948.

⁵ H. LASSWEL, “The Structure and Function of Communication in Society”, in *The Communication of Ideas*, Lyman Brison (ed.), 1948.

⁶ P. LAZARFELD et al., *The People’s Choice*, N. York, Columbia, Univ. Press, 1948.

⁷ M. McLUHAN, *Understanding Media: the Extensions of Man*, N. York, Mac-Grow-Hill, 1964.

Dimensão de tamanha relevância, que muito é que tenha merecido o cuidado e a reflexão da pesquisa científica e a consagração do estudo académico?

Sem pretendermos estabelecer uma visão cabal do processo de formação da área científica da comunicação - o qual julgamos não estar de modo algum fechado - podemos identificar facilmente alguns elementos que prepararam a constituição deste novo campo do saber - a ciência da comunicação – a qual P. Watzlawick considerou “uma ciência na sua infância”⁸ em cujo núcleo se situam as Teorias da Comunicação. Duas ordens de fenómenos convergiram para a formação de uma área de estudos específica em torno da temática comunicacional: o advento e progressiva implantação dos meios de comunicação social ou “mass media” e a confluência de diferentes correntes de pensamento e de pesquisa científica sobre temas e problemas de comunicação. Não se trata, evidentemente, de realidades estranhas entre si, mas que, bem pelo contrário, se interpenetram e associam intimamente. Coube, no entanto, aos media o inegável papel de catalizadores de novas formas de comunicação que manifestam e caracterizam a sociedade industrial e pós-industrial. Por sua vez, a reflexão política e social, bem como a investigação científica sobre questões de comunicação no quadro de diferentes disciplinas contribuíram grandemente para a identificação da nova área de estudos e para a sua instituição académica.

2. Os meios de Comunicação Social

A expressão “meios de comunicação social” corresponde aos termos ingleses “mass media”, “meios de massa”, e designa os sistemas mecanizados e electrónicos que, explorados por organizações e profissionais especializados, difundem idênticas mensagens para vastos públicos dispersos e heterogéneos. Distinguem-se entre estes sistemas quatro categorias principais, englobando, cada uma delas, grande variedade de modalidades: a imprensa, o cinema, a rádio e a televisão. A evolução acelerada e contínua das tecnologias de comunicação e designadamente das telecomunicações e da informática, a par das mudanças políticas e sociais das sociedades e instituições, têm levado à criação de novos sistemas de comunicação cada vez mais potentes, móveis e adaptáveis.

O advento dos *media*, a começar pelo mais antigo, a imprensa, suscitou, naturalmente, grande atenção e preocupação às entidades sociais com poder e funções de regulação social. A comunicação generalizada que as novas técnicas de difusão pareciam garantir despertou esperanças e temores desmedidos, que Umberto Eco tipificou na oposição e título do seu livro *Apocalípticos e Integrados*⁹. Para os Apocalípticos, os novos meios de comunicação são causa e suporte de influência deletéria na educação, na cultura, nos costumes. Ao contrário, os Integrados reconhecem nos *media* grandes virtualidades para o processo social, viabilizando por exemplo formas rápidas e eficientes de transmissão da informação e da ciência e criando assim condições favoráveis ao

⁸ P. WATZLAWICK, *Pragmática da Comunicação Humana*, S. Paulo, Cultrix, 9ª edição, 1993, p.13.

⁹ U. ECO, *Appocalitici e Integrati*, Milano, Bompiano, 1973.

desenvolvimento económico e à participação democrática. Neste contexto se vislumbrou também a proximidade da “aldeia planetária” e a sociedade da ubiquidade, bem como o terror da vigilância permanente do “Big Brother”¹⁰.

A investigação científica sobre os media e seus efeitos haveria de temperar as expectativas exageradas, colocando em relevo as diferentes dimensões que caracterizam o processo psico-social da comunicação mediática. Continua válida a conclusão formulada por M. Janowitz e R. Schulze, no termo da revisão do vasto conjunto da “Communication Research” a que procederam, ao sublinhar a natureza *social* do processo de comunicação através dos órgãos de difusão colectiva: “a investigação sobre os meios de massa destruiu mais que um estereótipo sobre o poder da comunicação de massa e sobre a sociedade dita de massa. Tal como outras pesquisas contemporâneas realizadas numa sociedade moderna, ela redescobriu e reafirmou a persistência das formas tradicionais da associação, da influência e do poder”¹¹.

Como no passado, os media suscitam hoje o maior interesse das forças sociais, políticas, económicas, e culturais. É que na “sociedade da informação”, que tem nos meios de comunicação a sua expressão mais visível, não há questão social que não passe, de algum modo, pela cena mediática. Assim, cada vez menos se pode compreender uma sem compreender a outra. Daí que os media tenham desempenhado papel relevante na construção do novo campo de saber.

A constituição deste campo de reflexão sobre a comunicação, em associação com os media, mas para além e para além deles, não ocorreu, evidentemente, nem de modo repentino nem do nada. Processo histórico, social e cultural, integra-se na génese da sociedade a que pertence e, designadamente, na tradição e na inovação de diferentes linhas de pensamento sobre os elementos, as dimensões, e as relações da comunicação humana.

Limitemo-nos a destacar, entre as mais visíveis, algumas das contribuições das diversas ciências para a formação da área científica da comunicação.

3. A Matemática da Comunicação

Ganhou valor simbólico de marco fundador na construção das Ciências da Comunicação a obra de Claude Shannon, *A Teoria Matemática da Comunicação*, publicada em artigo de 1948 e retomada em livro, um ano depois, com a colaboração do matemático Warren Weaver¹². A teoria e o modelo de Shannon-Weaver, com conceitos rigorosamente definidos e alto grau de generalização, tornaram-se

¹⁰ Sobre este assunto ver: J. CAZENEUVE, *La société de l'ubiquité*, Paris, Denoel, 1972; M. McLUHAN, *Understanding Media*, N. York, Signet Books, 1964; G. ORWEL, *1984 (Nineteen Eighty Four)*, London, Penguin, 1954 (1st ed. 1949).

¹¹ M. JANOWITZ e R. SCHULZE, “Tendances de la recherche dans le domaine des Communications de masse”, *Communications*, nº 1, Paris, Seuil, 1981, p. 32.

¹² C. SHANNON and W. WEAVER, *The Mathematical Theory of Communication*, Urbana, University of Illinois Press, 1949.

referência obrigatória para os estudos de comunicação, tendo inspirado inúmeros trabalhos, tanto no âmbito das ciências, particularmente nas engenharias de sistemas e de telecomunicações, como no quadro das ciências sociais e humanas. As noções de informação, código, ruído, redundância, fonte, entre outras, foram rapidamente adoptadas por disciplinas como a Linguística, a Psicologia, a Sociologia.

O programa de Shannon-Weaver pretendeu abarcar o processo geral da comunicação no qual distinguiu três níveis de questões a solucionar: a) o nível dos problemas técnicos, onde se trata da exactidão com que os símbolos podem ser transmitidos entre um emissor e um receptor; b) o nível dos problemas semânticos, ou seja, a questão da precisão com que os símbolos transmitidos veiculam o significado desejado; c) o nível dos problemas de eficiência, ou seja, a questão da eficácia com que o significado recebido influencia o comportamento no sentido pretendido.

Programa tão vasto como ambicioso haveria de revelar a maior fecundidade no âmbito do primeiro nível, já que a semântica e o comportamento não caberiam no quadro teórico definido nem nas concepções que o inspiraram. Nem por isso é menor o mérito destes pioneiros cujos conceitos fundamentais permitiram uma nova compreensão dos processos humanos de comunicar e de conhecer.

Contemporânea e conexas à teoria da comunicação, desenvolveu-se a Cibernética, com destaque para a obra de Norbert Wiener¹³ e o contributo do próprio Weaver, o qual, em artigo de 1948, propunha a noção de “complexidade organizada” para conceber modelos de representação de certos fenómenos, não com base nos seus elementos componentes, mas a partir da sua totalidade sistemática. A Cibernética ou *Teoria Geral dos Sistemas* (designação que se imporia) inspirou importantes abordagens da comunicação humana e legou-nos conceitos originais tais como os de auto-regulação, “feed-back”, inter-dependência, que permitiram avançar no conhecimento do comportamento individual e social. A este quadro de referência se pode associar o célebre trabalho sobre a saúde mental realizado por J. Ruesch e G. Bateson: *Communication: the social matrix of Psychiatry*¹⁴. Observe-se, de passagem, que a problemática da psiquiatria e em geral da saúde motivou importantes linhas de desenvolvimento da teoria e prática da comunicação. Refiram-se as numerosas orientações em matéria de psicoterapia, com suas teorias da personalidade, dos processos de mudança e modalidades de interacção.

¹³ N. WIENER, *Cibernética e Sociedade*, S. Paulo, Cultrix, 1968, (trad. De *The Human Use of Human Beings*, Boston, Houghton Mifflin, ed. Revista de 1954: 1ª ed., 1950; *Cybernetics or Control and Communication in the Animal and Machine*, Librairie Herman, Paris, 1948; 2nd ed., N. York, MIT Press, 1961.

¹⁴ J. RUESCH and G. BATESON, *Communication, The social Matrix of Psychiatry*, W. W. Norton and Co., 1951.

Uma outra ilustração da orientação sistémica abrangendo a análise global do comportamento comunicativo ao nível do indivíduo, da relação interpessoal, do quadro da organização, da mediação tecnológica, e ainda outros importantes aspectos, é-nos facultada pela obra de Lee Thayer¹⁵.

4. Comunicação e Ciências Sociais

Sendo a comunicação, na expressão de Ch. Cooley, “o processo através do qual as relações humanas existem e se desenvolvem”¹⁶, ou seja, através do qual as sociedades e os indivíduos se constituem e reproduzem na história humana, não podia ela deixar de merecer a consideração e, em muitos casos, o tratamento privilegiado por parte das disciplinas das Ciências Sociais e, designadamente, a Sociologia, a Psicologia e a Antropologia Cultural. Foi no quadro destas disciplinas que se formaram os fundadores da área da Comunicação, com realce para o movimento da pesquisa em comunicação desenvolvida nos Estados Unidos no período do após-guerra e décadas de 50 e 60.

A íntima conexão do estudo da comunicação humana com as referidas disciplinas radica, por um lado, na própria natureza social da comunicação e por outro lado, na relevante dimensão comunicativa de muitos fenómenos de ordem social, cultural e psicológica que aquelas disciplinas abordaram, criando para tanto conceitos e métodos próprios. Recordem-se os trabalhos de Antropologia Cultural, por exemplo, sobre o processo de interpenetração de cultura e personalidade, de que Ralph Linton¹⁷ oferece instintiva síntese, e a obra de Claude Lévi-Strauss¹⁸ a abrir-nos novas portas para a compreensão do sentido inscrito nos mitos e outras estruturas simbólicas com que as sociedades se representam e regulam. Na afirmação de Edward Sapir, “...every cultural pattern and every simple act of social behavior involves communication in either an explicit or implicit sense”¹⁹. A sociedade pode por isso ser vista como um sistema constituído pela partilha ou comunhão de significados ou por uma “teia significativa” na feliz expressão de D. Crowley²⁰. São em grande número os estudos desenvolvidos em Sociologia em que a comunicação se manifesta como dimensão relevante. A obra de George Herbert Mead, *Mind, Self and Society* e os ulteriores trabalhos que ela inspirou sobre o interaccionismo simbólico são bom exemplo. Em idêntico sentido integrador se pode evocar a visão de síntese que se deve a Hans Gerth e C. Wright Mills²¹, e mais perto de nós, o relevo da acção comunicacional na “construção social da realidade”²².

¹⁵ L. THAYER, *Communication and Communication Systems*, Homeward, Irwin, 1968.

¹⁶ CH. COOLEY, *Social Organization: a study of the larger mind*, N. York, Scribner's, 1909, p. 61; cit. in J. STOETZEL, *La Psychologie Sociale*, Paris, Flammarion, 1963, p. 11.

¹⁷ R. LINTON, *The Cultural Background of Personality*, N. York, Appleton, 1945.

¹⁸ CL. LÉVI-STRAUSS, *Anthropologie Structurale*, Paris, Plon, 1968.

¹⁹ Cit. Por D. McQUAIL, *Communication*, 2nd ed., London, Longman, 1984, p. 6.

²⁰ D. J. CROWLEY, *Understanding Communication, The Signifying Web*, London, Gordon, 1982.

²¹ H. GERTH and C. WRIGHT MILLS, *Character and Social Structure*, N. York, Harcourt, Brace and Co., 1953.

²² P. BERGER and Th. LUCKMAN, *The Social Construction of Reality*, London, Allen Lane, 1967.

A abordagem da comunicação no âmbito das Ciências Sociais não se confinou aos processos de socialização e de enculturação em que efectivamente tem a maior relevância. Igualmente presente nos fenómenos de influência, de liderança e de poder, nos processos de associação, de relacionamento e de interacção, na aprendizagem e na mudança, a comunicação mereceu de sociólogos e psicólogos amplo e profundo tratamento²³. A obra de K. Lewin e seus discípulos, como linha mais saliente do movimento das Relações Humanas e da Dinâmica de Grupo é bom exemplo. A Psico-sociologia, disciplina dedicada ao estudo dos comportamentos em situação de interacção, nos grupos, nas organizações, e em contextos semelhantes, que outra coisa é senão estudo da comunicação?²⁴ E a psicologia da aprendizagem, da mudança de atitude e de comportamento? E que dizer das teorias e práticas psicoterapêuticas no concernente às estruturas e dinamismos da personalidade e aos processos de relação/comunicação entre doente/cliente e terapeuta?²⁵ Neste vasto campo, em que as fronteiras disciplinares se revelam tão incertas, foram formuladas e confirmadas importantes noções e interpretações dos processos da comunicação humana. Razão bastante para que o estudo da comunicação prossiga em íntima associação com a pesquisa e a prática nele desenvolvidas.

5. Comunicação, Ciências da Linguagem e Ciências Humanas

A associação da comunicação e da linguagem nos seres humanos é tal que chegamos a confundilas. Para o antropólogo e linguista Dell Hymes, por exemplo, a aquisição da linguagem pela aprendizagem da língua permite não só a aquisição da competência gramatical mas também a da própria competência comunicativa. Estudar a comunicação é assim, necessariamente, estudar a linguagem. Ora esta, ao contrário da comunicação enquanto tal, foi objecto de profundo e rigoroso tratamento, quer no pensamento antigo grego e latino, quer no da tradição ocidental que mereceu o apelido de "logocêntrica". No entanto, como é sabido, apesar desta riquíssima herança e das reais aquisições duradoiras que ela nos legou, a linguística como ciência só recentemente se impôs. O seu triunfo está na origem do extraordinário desenvolvimento das ciências da linguagem na segunda parte do nosso século XX.

A emergência do campo da comunicação, a seguir à II Grande Guerra, não aconteceu sob o signo da linguagem embora esta encontrasse lugar inevitável no processo de codificação-decodificação das mensagens verbais. A orientação behaviorista que inspirou largamente a pesquisa americana em cujo seio se formou a primeira grande corrente de estudos da comunicação não favorecia a abertura às novas perspectivas da linguística e à sua influência na compreensão dos processos de

²³ Os manuais de psicologia social são eloquentes a este respeito: ver, por exemplo, J. STOETZEL, *La Psychologie Sociale*, Paris, Flammarion, 1963.

²⁴ Cf. por exemplo: K. LEWIN, *Psychologie Dynamique, Les Relations Humaines*, Paris, PUF, 1972; D. CARTWRIGHT and H. ZANDER, *Group Dynamics: Research and Theory*, N. York, Harper and Row, 1968; M. DEUTSCH et R. KRAUSS, *Les Théories em Psychologie Sociale*, Paris, Mouton, 1972.

²⁵ G. ALLPORT, *Existencial Psychology*, N. York, Random House, 1965; J. FADIMAN and R. FRAGER, *Personality and Personal Growth*, N. York, Harper and Row, 1976; C. ROGERS, *On Becoming a Person*, Boston, Houghton-Mifflin, 1961.

comunicação humana, que são, por excelência, processos de interacção por meio de mensagens significantes. Entre estas, as mensagens verbais, ocupam lugar ímpar. É certo que a comunicação não coincide com a linguagem. Mas não é duvidoso que a comunicação humana se realiza, do modo mais perfeito e específico, na e pela linguagem.

Temos assim que a compreensão da comunicação passa, em importante medida, pela compreensão da linguagem. Neste sentido, conceitos e teorias elaborados no quadro da Linguística Geral, da Teoria Literária, da Teoria da Literatura, da Semiótica e de áreas interdisciplinares tais como a Sociolinguística, a Psicolinguística, a Pragmática e a Teoria e Análise do discurso, projectaram sobre os processos comunicativos novas luzes, revelando facetas que permitiram o seu melhor entendimento. A actual pesquisa permanece tão florescente que se torna difícil acompanhá-la, não só pela sua quantidade, mas também pela especificidade das teorias orientadoras e dos campos explorados. Não há, no entanto, via alternativa. Dado o carácter primordial da linguagem verbal na acção e interacção significativa própria da comunicação humana, não é possível avançar na compreensão desta sem alcançar entendimento da primeira. Daí que os estudos de comunicação tenham procurado nas ciências da linguagem fundamento e orientação e mantenham com elas a mais estreita conexão. Limitando-nos a dimensões que se nos afiguram mais fecundas, parece-nos importante sublinhar as seguintes.

Os ensinamentos do fundador da linguística moderna Ferdinand de Saussure²⁶ e os do filósofo Charles Sanders Peirce²⁷ lançaram novas bases para a progressiva elucidação dos processos de significação através dos diferentes tipos de signo e particularmente da linguagem verbal. A obra dos pioneiros foi continuada e completada por grande número de autores isolados ou agrupados em "escolas", enquanto novas orientações emergiram num campo que não cessou de crescer nas últimas décadas. Na nossa perspectiva, necessariamente limitada e mesmo enviesada pelos quadros da nossa formação, destacam-se as obras e autores que permitiram avançar na explicitação e compreensão dos processos semióticos, das estruturas fundamentais da linguagem, de suas modalidades e funcionamento na interacção verbal e nos textos/discursos, sem descurar a articulação destes com as estruturas sociais. A semiótica, como Teoria geral da semiose, constitui fundamento e quadro permanente da ciência da comunicação, definida designadamente através do pensamento não só dos fundadores já evocados mas também de autores como Charles Morris²⁸, Louis Hjelmslev²⁹, Roland Barthes³⁰, Algirdas Greimas³¹, Pierre Guiraud³², Umberto Eco³³, para referirmos apenas os que nos são mais familiares.

²⁶ F. de SAUSSURE, *Cours de Linguistique Générale*, Paris, Ed. Payot, 1971 (1ª publicação em 1916).

²⁷ Ch. PEIRCE, *The Collected Papers of Charles Sanders Peirce*, Cambridge, Harvard University Press, 1958.

²⁸ Ch. MORRIS, *Writings on the General Theory of Signs*, The Hague, Mouton, 1971, (onde se incluem textos de 1938, 1946, 1964).

²⁹ L. HJELMSLEV, *Prolégomènes à une théorie du langage*, Paris, Minuit, 1966, (trad. du danois, 1943).

³⁰ R. BARTHES, "Eléments de Sémiologie", *Communications*, n° 4, Seuil, 1961; *Mythologies*, Paris, Seuil, 1957.

³¹ A. GREIMAS, *Sémantique Structurale*, Paris, Larousse, 1966; *Du Sens*, Paris, Seuil, 1970; *Sémiotique et Sciences Sociales*, Paris, Seuil, 1976; *Sémiotique, Dictionnaire raisonné de la théorie du langage*, Paris, Hachette, 1979.

³² P. GUIRAUD, *La Sémiologie*, Paris, PUF, 1971.

Por outro lado, no campo específico da linguagem, os aspectos de maior interesse sob o ponto de vista comunicacional foram recebendo tratamento cada vez mais aprofundado através de obras como as de Noam Chomski³⁴, Roman Jakobson³⁵, André Martinet³⁶, Georges Mounin³⁷, Émile Benveniste³⁸, entre os que mais orientaram o nosso próprio estudo. A perspectiva comunicacional e intersubjectiva, especialmente presente no último autor citado, recebeu impulso decisivo através da pragmática, ou da semântica, de John Austin³⁹ e John Searle⁴⁰, que pessoalmente nos chegaram sobretudo por intermédio dos trabalhos de Oswald Ducrot⁴¹. Uma entre muitas das recentes e actuais correntes do pensamento científico sobre a língua e sobre a comunicação, esta que aqui fica evocada, pese embora a sua marca pessoal, não deixa de indiciar claramente a íntima associação daquelas perspectivas.

A relação da comunicação com a linguagem projecta-se na relação da linguagem com o pensamento, implicados no mesmo processo que é a génese da significação. Daí que o estudo da comunicação, como o da linguagem, mantenha íntima conexão com as ciências do espírito ou Ciências Humanas e designadamente com a filosofia e disciplinas específicas afins. Tratando-se na comunicação, como efectivamente se trata, de criar e/ou descobrir sentido, como não haveria de verificar-se a referida conexão? Daí o encontro com as correntes de pensamento que procuram de um modo ou outro os percursos da interpretação e da génese do sentido. Com efeito, a temática comunicacional encontra eco profundo na fenomenologia, na hermenêutica, na filosofia social e política, como é patente, não só nas obras de referência já clássicas como na reflexão actual. O interesse suscitado por exemplo, pela obra de Habermas sobre a comunicação, é bem revelador. No mesmo sentido, o renascer da retórica e das teorias da argumentação adquirem valor simbólico sobre a manifestação da centralidade da comunicação no pensamento contemporâneo.

6. A interdisciplinaridade das ciências da comunicação

As disciplinas e linhas de reflexão evocadas estabeleceram os fundamentos da área científica da comunicação que nelas continua a procurar os seus quadros teóricos e metodológicos. Outras abordagens poderiam ser referidas, como por exemplo, a tradição dos departamentos das Universidades Americanas dedicados ao estudo e formação nas disciplinas do discurso (*Speech communication*) os quais haviam de desempenhar importante papel na criação de departamentos de

33 U. ECO, *Le forme del contenuto*, Milano Bompiano, 1971; *Tratato di Semiótica Generale*, Milano, Bompiano, 1976.

34 N. CHOMSKI, *Syntactic Structures*, The Hague, Mouton, 1957.

35 R. JAKOBSON, *Essais de Linguistique Générale*, Paris, Minuit, 1963

36 A. MARTINET, *Eléments de Linguistique Générale*, Paris, Colin, 1968.

37 G. MOUNIN, *La Sémantique*, Paris, Seghers, 1972.

38 E. BENVENISTE, *Problèmes de Linguistique Générale*, Vol.I, Paris, Gallimard, 1966.

39 J. AUSTIN, *How to do things with words*, Oxford, Clarendon Press, 1962

40 J. SEARL, *Speech Acts*, Cambridge, Univ. Press, 1969.

41 O. DUCROT, *Le Structuralisme en Linguistique*, Paris, Seuil, 1968; *Le Dire et le dit*, Paris, Minuit, 1984; *Dictionnaire Encyclopédique des Sciences du Langage*, Paris, Seuil, 1971.

comunicação.⁴² Uma corrente de reflexão e análise relevante na nova área é a que se refere à comunicação pela imagem, a qual conheceu já notório desenvolvimento com o cinema e haveria de suscitar o maior interesse com a explosão das técnicas audiovisuais de que, por exemplo, a publicidade procuraria tirar o maior proveito. Dimensões do processo comunicativo a suscitar também análises específicas e originais foram as relativas à expressão corporal, incluindo, movimentos, gestos, posições e relações espaciais e temporais. Neste sentido vão, entre outros, os trabalhos de Erving Goffman⁴³, Edward Hall⁴⁴, Ray Birdwhistel⁴⁵, que deram justo relevo à significação daquelas dimensões da interacção comunicativa.

Como anteriormente já referimos, a partir dos fins da II Grande Guerra, a importância da comunicação e a sua expansão, sob suas múltiplas formas, nos seus diferentes elementos e dimensões, nas suas conexões com toda a esfera da vida social, não cessaram de crescer, e crescer a um ritmo cada vez mais acelerado. A complexidade do processo comunicativo e a multiplicidade das suas realizações levaram a abordagens muito diferenciadas quer sob o ponto de vista teórico e metodológico quer sob o ponto de vista das práticas. A tal ponto que, em nossos dias, o campo da comunicação, de tão extenso, sincrético e ambíguo, corre riscos de indefinição e descaracterização. Não se trata todavia, de tendência inequívoca e movimento imparável. Bem pelo contrário, a incontestável importância da comunicação para a vida dos humanos e de suas sociedades exige o trabalho metódico, rigoroso e continuado em prol da compreensão aprofundada do processo da comunicação humana e do seu conseqüente aperfeiçoamento.

O campo das Teorias da Comunicação apresenta-se, pois, muito vasto, com limites mal definidos, atravessado por forças contrárias que ora o revigoram ora o enfraquecem. Neste contexto, impõe-se tomar orientação prudente mas com abertura bastante às diferentes abordagens e abrangendo as temáticas e aspectos específicos do comportamento comunicativo. O carácter sincrético daí resultante pode não favorecer, é certo, a coerência teórica, em princípio sempre desejável para uma disciplina. Mas tem o mérito não negligenciável de reconhecer a real pluralidade de teorias sobre a comunicação humana, que, por sua vez, exprimem a complexidade dos processos que a realizam.

É ponto geralmente aceite que não dispomos de uma Teoria unitária sobre a comunicação humana. As proclamações em contrário, que alguns ousaram, não se revelaram fundamentadas. É verdade que o grave risco da falsa interdisciplinaridade espreita a nossa disciplina. Entendemos a interdisciplinaridade como humilde prática científica que procura e aceita ferramentas conceituais de diferentes disciplinas que se mostrem adequadas para tratar questões específicas, abordadas, por isso mesmo, num quadro próprio. Essencial é que a importação de conceitos e teorias não traia a sua natureza e validade e que a interdisciplinaridade não redunde no empobrecimento das disciplinas em

⁴² A actual "Speech Communication Association", assim designada desde 1968, foi criada em 1914 com o nome de "National Association of Academic Teachers of Public Speaking". Cfr. G. GERBNER/W.SCHRAM, "Study of Communications", *International Encyclopedia of Communications*, Oxford University Press, 1989, Vol. I, p. 360.

⁴³ E. GOFFMAN, *The Presentation of Self in Every Day Life*, N. York, Doubleday, 1959; *Frame Analysis*, Mass., Harvard, Univ. Press, 1974.

⁴⁴ E. HALL, *The Silent Language*, N. York, Doubleday, 1959

⁴⁵ R. BIRDWHISTEL, *Kinesics and Context*, Filadelfia, University of Pennsylvania Press, 1970.

causa, antes promova a sua convergência para abordagens mais adequadas à complexidade das questões em análise. Tal é, em todo o caso, a concepção que perfilhamos e que pode permitir o tratamento científico das questões da comunicação humana, sem truncar, nem a natureza desta, nem o valor fundado das disciplinas constituídas.

Pela nossa parte, não desejamos tomar a posição daqueles que, caracterizando a questão comunicacional, como moda, ideologia, terra de ninguém, refúgio ou tapa-buracos, chegam a propor o abandono da própria noção de comunicação⁴⁶. Pretendemos antes apostar na via positiva de prosseguir o exame dos fenómenos do comportamento humano que a linguagem comum foi designando por comunicação. A presença multimoda da comunicação em larguíssima gama de fenómenos da experiência humana, longe de inibir ou desincentivar a sua abordagem científica, haverá de a motivar. Extensão tão ampla do conceito, a que naturalmente corresponde uma compreensão ou conteúdo de grande generalidade, pode precisamente revelar traços essenciais dos processos de comunicação. De todo o modo, o processo de comunicação através do qual os seres humanos compreendem e se fazem compreender por meio de signos, é princípio e fundamento de toda a vida pessoal e social. Abordá-lo e compreendê-lo o mais adequadamente possível é tributar-lhe a devida consideração e abrir caminhos para sua mais cabal realização na acção individual e colectiva. Da comunicação, da competência comunicativa dos indivíduos, dos grupos, das sociedades, depende a sua existência. Não podemos deixar de comunicar, e, nos nossos modos de comunicar, manifesta-se e constrói-se o nosso modo de ser. É inegável, como a experiência comprova, que o estudo da comunicação humana se revela caminho difícil, pedregoso, acidentado e incerto. Os que hoje nos aventuramos nele, crentes no valor do objecto procurado e decididos a percorrer os trilhos de métodos adequados, não faremos sós a viagem. Outros abriram já sendas e clareiras, construíram pontes, fixaram marcos e direcções que nos permitem traçar o nosso caminho, o qual, em procuras desta natureza, sempre haverá de ser próprio.

⁴⁶ E. VERÓN, "Pour en finir avec la communication", *Réseaux*, n.º 2, 46-47, Paris, CNET (1991), p. 122.